

## A representação da natureza nas narrativas de Willa Cather e Alina Paim: diálogos possíveis.

Ana Leal Cardoso

### Resumo

Este trabalho faz uma leitura, a partir da ecocrítica, das obras modernistas *Minha Antonia* (1918), da romancista americana Willa Cather e *A sombra do patriarca* (1950), da sergipana Alina Paim, destacando a natureza como aliada no processo de construção tanto da identidade social quanto psicológica das protagonistas. Estas escritoras, embora vivendo em culturas diferentes, trazem em seus textos discussões sobre a natureza e seus mistérios relacionados ao feminino. Iluminadas pela tradição do gênero ‘pastoril’ do período helenístico, em que o bucólico expressa um estilo de vida diferenciado graças à vastidão, beleza e resistência da natureza, suas narrativas apresentam protagonistas que deixam a civilização e vão ao seu encontro, retornando depois de experimentar uma epifania e renovação.

**Palavras-chave:** mito, natureza, Willa Cather, Alina Paim

### 1. Introdução

Este trabalho apresenta uma leitura comparativa das obras modernistas *Minha Antonia* (1918), da romancista americana Willa Cather e *A sombra do patriarca* (1950), da sergipana Alina Paim, a partir da ecocrítica, destacando a natureza como aliada no processo de construção das identidades social e psicológica das protagonistas. Estas romancistas, embora vivendo em culturas diferentes, trazem em seus textos discussões sobre a natureza e seus mistérios relacionados ao feminino, priorizando o meio ambiente como elemento transformador do contexto cultural. A mitocrítica de Gilbert Durand e suas bases junguianas servirão também como subsídio para a nossa análise.

A arte e a cultura são construções estéticas, históricas e sociais nas suas formas próprias de ser que testemunham o longo, natural e agônico processo de evolução da consciência humana e de civilizações do mundo. Os processos de mitificação e simbolização artístico-culturais também estão enredados com a lógica dessa construção. Portanto, representação e subjetividade são termos-chave nos conceitos de arte e cultura que dizem respeito às relações pessoais e sociais, entendidas como um processo de transformação pelo fazer humano, que dimensionam a existência através dos tempos.

A arte humaniza o sujeito social, harmoniza o sujeito psicológico, além de manter o sujeito histórico na perenidade como ente único no mundo, ao tempo em que a

imaginação transforma o mundo através de graus de percepção, sensibilidade e reflexão. Neste sentido, cantar, pintar, dançar, encenar, versejar são formas diferentes de representar os mundos interior e exterior pela poesia, que tanto está na alma do poeta e do leitor/ouvinte quanto está na Natureza, nas pessoas e no mundo concreto, mudando a face das coisas com sua capacidade de inventar e recriar por meio da linguagem, dos gestos e dos sentidos.

A cultura, que dimensiona o conhecimento do mundo adquirido através dos tempos, compreende um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor, bem como uma concepção e realidade apropriadas em favor da superação de atividades opressivas, do preconceito e da desigualdade. Além disso, ela veicula, dentre outras coisas, a relação homem/natureza de forma harmoniosa.

## **2. A natureza no contexto da literatura: da tradição pastoral à ecocrítica**

Segundo o ambientalista e crítico de arte Greg Garrard (2006, p.10), discussões pertinentes à natureza e, portanto, ao meio ambiente, têm sido constantes nas últimas décadas, o que aponta para o fato de que algumas pessoas e instituições científicas estão preocupadas com o futuro do planeta terra. A arte, em todas as suas manifestações, é uma das formas de revelar traços desta preocupação.

A literatura enquanto arte refaz a trajetória do espírito humano dentro do campo aberto do imaginário, através dos modelos oferecidos pela cultura. Cria de algo que nunca houve e que produz a visão do “novo”, sempre em estado nascente, e a cada olhar uma constante produção de linguagens e significados que (re) criam as coisas noutra dimensão do ver, do sentir, do falar, do pensar, visando a proporcionar o prazer, realizar sonhos, tornar as relações entre os homens mais agradáveis (ou suportáveis).

Garrard defende que desde as reações poéticas do movimento do Romantismo à Revolução Industrial, a pastoral tem moldado de forma decisiva nossas construções da natureza. A esse respeito observa:

talvez até a ciência da ecologia tenha sido moldada pela pastoral, nas primeiras etapas do seu desenvolvimento, e vimos que o texto fundador da ecocrítica, ‘Silent Spring’, recorreu à tradição pastoril” (GARRARD, 2006, p. 54)

Na sua concepção a pastoral destaca-se, dentre todos os tropos, como aquele que mais profundamente está arraigado na cultura ocidental, além disso, é o menos problemático para o ambientalismo. Com suas raízes fincadas no período clássico a pastoral mostrou-se mais flexível para fins políticos diferentes, e posteriormente nociva em suas tensões. Todavia, “sua vasta história e sua ubiquidade cultural significam que o tropo bucólico continua e deverá continuar a ser de fundamental interesse para os ecocríticos” (GARRARD, 2006, p.43).

Terry Gifford (1999, p. 2) distingue três tipos de bucolismo: o primeiro, conhecido também como pastoral clássica (a tradição especificamente literária), que envolve uma saída da cidade para o refúgio no campo, originária da antiga Alexandria e que se tornou uma forma poética de grande destaque na Europa, durante o Renascimento; ela inclui toda a literatura pastoril até o século XVIII. O segundo diz respeito a qualquer literatura que descreva o campo num contraste implícito e explícito com o urbano; o último tipo trata-se de um sentido pejorativo, no qual ‘pastoral’ diz respeito a uma idealização da vida rural que obscurece as realidades do trabalho e das dificuldades do campo.

Do ponto de vista da literatura, Garrard defende que o ambientalismo “moderno” começou com uma fábula expressa na obra *Silent Spring* (primavera silenciosa), de Rachel Carson. Para ele, trata-se de “uma parábola poética, que se apóia nos gêneros literários da pastoral e do apocalipse” (GARRARD, 2006, p.12). O que veicula o resgate das formas preexistentes de imaginar o lugar do ser humano na natureza, que remontam a origens como Gênesis e Apocalipse, primeiro e último livros da Bíblia.

Concentrando-se em imagens de beleza natural e enfatizando a ‘harmonia’ que um dia existiu entre a humanidade e a natureza, a fábula nos apresenta, a princípio, um quadro de imutabilidade essencial, que a atividade humana mal chega a perturbar. Todavia, essa paz bucólica dá lugar, rapidamente, a uma destruição catastrófica, conforme se observa na citação abaixo:

uma estranha praga infiltrou-se pela região e tudo começou a mudar, um feitiço caiu sobre a comunidade: moléstias misteriosas varreram os galinheiros; o gado e as ovelhas adoeceram e morreram. Por toda a parte pairava a sombra da morte (CARSON apud GARRARD, 2006, p. 11).

Garrard (2006, p. 13) enfatiza que à proporção que o leitor adentra a história, cada elemento do idílio rural é destruído por algum agente de mudança, cujo mistério é enfatizado pelo uso da terminologia natural e sobrenatural da ‘moléstia’ e do ‘feitiço’.

Obras literárias como as de Carson, repletas de afirmações ambientalistas, trazem contribuições cruciais para a política e a cultura modernas, e muitos de nos respondemos a elas, até certo ponto. Neste sentido, as estratégias retóricas, o uso da pastoral, de imagens míticas e simbólicas e as alusões literárias com que o artista molda seu material ‘científico’ são passíveis de uma análise literária ou cultural, conhecida pelos especialistas como ‘ecocrítica’.

Ao interpretar as idéias da ambientalista social e crítica norte americana C. Glotfelty acerca da ecocrítica, exposta na sua antologia *The Ecocriticism Reader* (1996), Garrard destaca:

trata-se do estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para a sua interpretação de textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra, na Natureza e sua relação com o homem (GLOTFELTY apud GARRARD, 2006, p. 78).

A ecocrítica, portanto, é uma modalidade política, como sugere a comparação de Glotfelty com o feminismo e o marxismo. Os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’. Neste sentido, segundo aquela pesquisadora, a ecocrítica se relaciona com os desdobramentos de orientação ambientalista na filosofia e na teoria política. Desenvolvendo as perspectivas de movimentos críticos anteriores, os ecofeministas, os ecologistas sociais e os defensores da justiça ambiental buscam uma síntese das preocupações ambientais e sociais.

Segundo Garrard (2006, p.78), as pesquisas de Glotfelty mostram que dentre os mais importantes estudos de ecocrítica no contexto literário estão as pesquisas de Jonathan Bate sobre o poeta inglês romântico William Wordsworth, cuja contribuição para o ambientalismo é fundamental, considerando-se que faz uso da tradição pastoril, exaltada pelos tropos e pela retórica lírica. Em muitas das suas obras o poeta em tela privilegia a vida no campo em detrimento da vida urbana.

Os estudos de Bate (1991) sobre o gênero pastoril apontam para o seu início no período helenístico, com os ‘idílios’ do poeta alexandrino Teócrito (316-260 A.c). O

Idílio que era originalmente uma ‘vinheta poética’ instigava a fuga para a vida rural, o deleite pela natureza, dele tendo sido derivado a poesia bucólica, manifesta em alguns versos de *Lirical Ballads* (Baladas líricas), uma das mais genuínas poesias ecológicas do século XIX. Bate postula que em *O prelúdio*, o poeta sugere que o amor à natureza leva ao amor à humanidade. Na verdade, Wordsworth gasta pouco tempo descrevendo a natureza, e muito refletindo sobre a sua reação e a das outras pessoas em relação a ela.

Vale destacar também um texto que, contrariamente à visão positivista de Wordsworth, foi fundamental na história da ecocrítica: *The Death of Nature* (a morte da natureza) em que Carolyn Merchant atribui a Bacon um papel importante na construção de uma visão de mundo destrutiva em termos ambientais, na qual a imagem de um cosmo orgânico, tendo em seu centro uma terra viva feminina, deu lugar a uma visão de mundo mecanicista em que a natureza foi reconstituída como morta e passiva, a ser dominada e controlada pelos humanos. Além dos escritores citados, destacam-se ainda Shelley, Keats, Wallen Steveson e Henry David Thoreau que, com exceção deste último, também ‘cantaram’ a exuberância da natureza em prosa e verso, referindo-se, quase sempre, ao aspecto negativo e catastrófico que ela pode trazer ao homem.

No Brasil, alguns autores são verdadeiros entusiastas em relação à natureza. Durante o Romantismo a imagem da terra e do índio ecológico é certamente poderosa na literatura de José de Alencar e Gonçalves Dias, tornando-o herói nacional. O Modernismo também deu sua contribuição, ao tentar resgatar as nossas origens exaltou a terra, a fauna e a flora brasileiras. Contudo, numa visão contrária a dos românticos, o poema *Cobra Norato*, de Raul Bopp mostra a natureza do ponto de vista opocalíptico, um verdadeiro inferno ‘dantesco’ em que o protagonista se perde no seio da “floresta mal assombrada” na busca pela amada ficando, muitas vezes, preso na “goela podre dos charcos” ou nos emaranhados cipós da densa selva amazônica.

## **2.1. O imaginário da natureza na ficção produzida por mulheres**

Do ponto de vista da produção literária das mulheres, vale destacar que muitas escritoras trazem a natureza, em seus discursos, como uma marca ‘registrada’, parte de si mesmas, evidenciando a antiga e profunda relação desta com o ser feminino. As americanas Eudora Welty, Sylvia Plath, Willa Cather, além das brasileiras Cecília Meireles, Ligya Fagundes Teles, Lya Luft e Alina Paim, para citar apenas algumas, integram a tradição de escritoras cujos discursos, assumidamente ambientalistas,

evidenciam que a mulher por ser mais maternal e estar mais ligada à sobrevivência acaba por proteger a natureza de uma forma mais inata e forte do que o homem.

Esta perspectiva de união com a natureza se faz pelo viés do mito ou imagens míticas presentes na vida do homem moderno, nos mais diversos níveis. Gilbert Durand (2002) — para quem o imaginário é a chave que abre portas para a compreensão de toda cultura humana — defende ser a imagem a matéria de todo o processo de simbolização, fundamento da consciência na percepção do mundo. Por sua natureza dinâmica e homogênea, a imagem é sempre matéria incompleta, ambígua e, portanto, símbolo.

Durand (2002, p. 58-9) propõe a sutura epistemológica entre natureza e cultura por meio da função simbólica. Visando a uma melhor compreensão da dinâmica das imagens que irrompem, de tempos em tempos, em determinadas culturas, ele as divide em Diurnas e Noturnas. As primeiras refletem a própria civilização ocidental, isto é, expressam o racional, a dicotomia, a técnica, o masculino. As outras (noturnas) referem-se ao aspecto instintivo e sentimental do ser, à união, à intimidade secreta e ao feminino com toda a gama de mistérios que o envolve.

Portanto, a relação muito próxima da mulher com a natureza encontra aí uma justificativa, reiterando a tese de Durand de que o estudo do imaginário se faz ponte para a compreensão da dinâmica sócio-cultural. Jung segue na esteira de Durand defendendo que o mito é um processo psicológico que constitui traço essencial ou vital da psique humana, e cuja existência pode ser igualmente demonstrada no homem primitivo, no homem antigo e no homem moderno.

### **3. Willa Cather e Alina Paim: as filhas da Mãe (natureza)**

Nossa abordagem comparativa das obras *Minha Antonia* e *A sombra do patriarca* apóia-se nos estudos comparados e no multiculturalismo defendido pelo crítico literário H. Remak, para quem a literatura comparada deve englobar estudos entre literaturas de diferentes países, respeitando suas especificidades no contexto das esferas de expressão humana (REMAK, 1961, p. 176).

Tendo em foco a definição de Remak sobre a literatura comparada tentaremos mostrar o diálogo entre Cather e Paim a partir da temática da natureza, presença constante em suas obras. Esse diálogo entre culturas diferentes, mais ainda, entre países diferentes (Estados Unidos e Brasil) entendidos como unidades complexas, do ponto de vista sociocultural, é resultante dos processos de colonização e de imigrações

continuadas, portanto, campos propícios ao desenvolvimento de reflexões capazes de mostrar analogias e diferenças que integram no processo de construção de identidades.

Aos nove anos de idade Willa Cather chega ao Nebraska, centro-sul dos Estados Unidos, região inóspita e de infinitas pradarias que vez por outra é castigada pelo rigoroso e gelado inverno. O fato de ela mesma ter vivido grande parte da sua vida nas fazendas da família, distanciando-se dali apenas para frequentar a universidade, talvez justifique a constante presença da natureza local em sua obra literária. Portanto não seria exagero dizer que a intensidade com que Willa Cather amava o interior não tem paralelo na literatura norte-americana de produção feminina, com exceção de Eudora Welty que também ‘cantou’ a natureza do seu estado natal, Mississippi.

No entender de Marcos Soares, professor de literatura norte-americana e pesquisador da USP, Cather se deu conta muito cedo de que sua experiência de vida daria o tom à sua contribuição literária “É comum que a crítica literária se refira à escritora Willa Cather (1873-1947) como a voz elegíaca da ‘tradição da fronteira’ norte-americana e da presença do imigrante europeu no Oeste dos Estados Unidos (CATHER, 2003, p.9,10). Cather destaca-se, dentre os escritores do século XX, pelo fato de projetar já no seu primeiro romance *Oh Pioneers!* imagens mais realistas dos norte-americanos em sua terra. A temática gira em torno do desbravamento do Oeste americano e mostra a história dos primeiros imigrantes noruegueses e lavradores das pradarias do Nebraska. Tema este que se repete em *Minha Ántonia*, cuja protagonista, não obstante as inúmeras dificuldades por que passa, incorpora a imagem de uma mulher corajosa, que ama a terra, conforme atesta o narrador “nunca soubera até então o quanto o campo significava para ela” (CATHER, 2003, p.71).

*Minha Ántonia* é um romance contado a partir da visão de Jim Burden, que volta de Harvard para ‘pintar’ a narrativa com as cores da memória. “As riquezas de detalhes e a nitidez das imagens o colocam no patamar dos grandes impressionistas” (CATHER, 2003, p. 14) Trata-se da história dos Shimerdas, uma família de imigrantes provenientes da Boêmia que viera para o Nebraska em busca de uma vida melhor; porém, são muitas as dificuldades que terão que vencer, a língua parece ser a primeira, afinal nenhum membro daquela família a dominava. Coube a astuciosa Ántonia, a protagonista, aprendê-la, pois a mãe logo “entendeu que era importante que pelo menos um membro da família aprendesse o inglês para domar aquela terra e sua gente” (CATHER, 2003, p. 50).

A primeira experiência de Jim em relação a Ántonia se dá por ocasião de uma viagem de trem, em que ela e sua família seguiam rumo Black Hawk, uma cidadezinha do Nebraska, para onde ele também se dirigia a fim de morar com os avós, após morte dos pais. Jim, diferentemente da família Shimerda, viajava em um vagão de classe média com algum conforto, de quando em vez observava a paisagem pela janela, repleta de nostalgia

o trem cortava quilômetros sem fim de trigo maduro, passando por vilarejos, pastos floridos e arvoredos de carvalhos a definhar ao sol. [...] no vagão de observação, onde fomos nos sentar, a poeira, o calor, o vento quente nos traziam muitas lembranças (CATHER, 2003, p. 21).

Em *Minha Ántonia* a natureza é amada, antes, pela sua vastidão, beleza, resistência e pela liberdade que impõe “A vasta região nunca me parecera tão grande e livre. Se o capim fosse cheio de cascavéis, eu poderia enfrentar todas elas” (2003, p. 65). Esse romance, que se inscreve como uma verdadeira poesia ecológica comunga com a idéia defendida por Bate, de que o homem chega em casa ao chegar à natureza, de modo que o lugar imediatamente adquire uma unidade. Porém, nem mesmo com a chegada do inverno rigoroso, em que a terra perde os ares de ‘jardim do Éden’, a natureza é vista com distanciamento

O vento sacudia as portas e as janelas com impaciência, depois se afastava, uivando através dos amplos espaços. [...] fazia-me pensar em exércitos derrotados, batendo em retirada; ou em fantasmas que estivessem tentando desesperadamente entrar num abrigo, e depois recuassem, com um lamento. Logo [...] os coiotes começaram a afinar seu uivo lamuriendo para nos dizer que o inverno estava chegando. [...] A neve caía. O frio ferroava e ao mesmo tempo era um convite à diversão. (CATHER, 2003, p. 69, 77).

No relato ficcional de Cather a natureza nunca é exclusivamente ‘natural’, está sempre carregada de um valor superior, religioso, o que é perfeitamente compreensível, pois o Cosmo é uma criação divina, assim, tendo saído das mãos dos deuses, ela fica impregnada de sacralidade. Neste contexto, podemos dizer que o discurso de Jim ratifica o respeito à Grande Mãe Terra, mãe universal de sólidas bases, avó venerável que nutre em seu solo tudo o que existe,



Sentei me no meio da horta. [...] a terra estava morna sob mim, e morna quando eu esfarelava entre meus dedos.[...] Não esperava que nada acontecesse. Eu era uma coisa que se estendia ao sol e o sentia, e não queria ser mais nada. Estava perfeitamente feliz. Talvez a gente se sinta assim quando morre e se torna uma parte do de algo inteiro, seja sol e ar, ou bondade e conhecimento. De qualquer maneira, isso é felicidade; dissolver-se em algo completo e imenso (CATHER, 2003, p. 40).

O mito se renova na condição de liberdade, que comporta uma ‘morte’ e uma ressurreição rituais, comprovados pela fala do narrador. Neste sentido, a cada ‘renascimento’ o homem surge diferenciado, consolida um aprendizado a mais no decurso de sua vida.

A narrativa concede destaque especial à figura da avó de Jim, uma mulher alta e pouco corcunda, cuja cabeça estava sempre “espichada para a frente, numa atitude de atenção. [...] era lépida e vigorosa em todos os seus movimentos. [...] Tinha cinquenta e cinco anos nessa época, uma mulher forte, de resistência incomum ( 2003, p. 34-5). Jim observa que quase sempre ela quase sempre estava “ junto ao fogão da velha cozinha de paredes caiadas, que ficava no porão” (CATHER, 2003, p. 78). Seu tipo corresponde aquele fundado na maternidade e no cuidado doméstico, modelo de dependência econômica e intelectual de marido, porém repleta de força espiritual, de brandura e acolhimento.

A narrativa destaca que aquela mulher de resistência incomum, sabia-se responsável pela família; para alimentá-la “desenterrava batatas da terra macia e marrom com as próprias mãos” (CATHER, 2003, p.39). Além disso, ensinava às novas gerações que “numa região nova, a gente se sente amiga dos animais” (2003, p. 39).

*Ântonia*, a protagonista, embora tenha chegado às terras americanas com apenas quatorze anos de idade, também era merecedora de sua atenção. De quando em vez era solicitada pela velha senhora a ajudá-la nos serviços domésticos “aqui você aprende sobre culinária e a direção da casa” (CATHER, 2003, p.50). Sob seus cuidados a jovem aprende a amar a terra

vez por outra eu ia para o norte, rumo à grande cidade dos cães-de-pradaria para ver as corujas buraqueiras voarem para casa no fim da tarde.[...] essas aves de hábitos subterrâneos nos assombravam. [...] às vezes seguia para o sul para visitar nossos amigos alemães e admirar seus bosque de catalpas ver ninhos de abutres em seus galhos (CATHER, 2003,p.49).

A *sombra do patriarca* trata da história de Raquel, uma jovem que mora na cidade do rio de janeiro mas que resolve seguir para o interior de Sergipe a fim de conhecer sua família. Acometida por uma forte maleita se vê incapaz de partir de volta com o pai, o tempo em que esteve recuperando-se na fazenda fortaleza foi o suficiente para que ela conhecesse o mundo de opressão a que eram submetidas as mulheres da fazenda do tio Ramiro. Neste romance Paim evidencia que o opressor, torna-se escravo dele próprio ao escravizar a mulher e a natureza, destruindo o seu meio ecológico. Mostra que a vida simples do campo é fundamental para o fortalecimento da personalidade da protagonista central, que, ao chegar à fazenda “Curral Novo”, cujo ambiente é totalmente rústico e natural, ela se encontra consigo mesma ante a presença da natureza, conforme afirma a narradora:

E meus olhos viram surgir muita coisa dentro da noite. Meus ouvidos escutaram o segredo de vozes anônimas que o vento trazia de longe. [...] acompanhando a sinfonia da terra, muita coisa germinou dentro de mim, crescendo como hera viçosa, afogando tudo. E no silêncio, meus olhos perceberam visões soberbas nas travas da noite, meus ouvidos ouviram um canto maravilhoso feito de melodias irresistível das árvores, coro imenso das vozes solitárias de milhões” (PAIM, 1950, p. 115).

Naquele ambiente primitivo “ouvindo as cigarras cantando de mistura com a voz de Lucrécia encontrei-me com meus pais, e eles me pareceram dois seres muito humanos” (PAIM, 1950, p.149). A fala da protagonista evidencia que o conteúdo arquetípico está repleto de elementos pessoais, mas o padrão formativo é impessoal e universal.

## **Conclusão**

Os mitos e as imagens míticas ligadas à natureza, presentes em ambas as narrativas reafirmam a presença do mito do eterno retorno, associado ao mito da Grande-Mãe (terra). Campbell defende que sem esse elo estamos fadados a uma existência de superficialidade. Tanto *Minha Antonia* quanto *A sombra do patriarca* evidenciam e re(atualizam) o mito da Grande –Mãe, associado com a procriação e o provimento das necessidades, com a transformação através das passagens na vida das protagonistas, de modo a conduzi-las para uma vida melhor, mais humana. A grande –Mãe é a raiz misteriosa de todo o crescimento e de toda a mudança; o amor que significa volta ao lar, abrigo, e o longo silêncio em que tudo tem início e no qual tudo encontra seu fim. Ela é

berço e túmulo. Ao longo do processo de crescimento Ántonia e Raquel incorporam as muitas faces (identidades) da Deusa, dentre elas destacamos: Afrodite, Cibele, Athená, Artemis, entre outras que estão diretamente associadas à natureza.

A estrutura psíquica das personagens, construídas por Cather e Paim, revelam imagens ancestrais herdadas e elaboradas à medida que a obra de arte atualiza essa ancestralidade. Suas obras mostram que ‘pisar’ em terras desconhecidas, apostando no autoconhecimento é tarefa do mito, um ponto de união entre a psicologia e a literatura.

Além disso, vale destacar que a ecocrítica singulariza-se entre as teorias literárias e culturais contemporâneas, por sua estreita relação com a ciência da ecologia. E os escritores ‘ecocríticos’ como Cather e Paim, podem não estar habilitados a contribuir para debates sobre problemas de ecologia, porém, mesmo assim, devem transgredir os limites e desenvolver, tanto quanto possível, sua própria ‘capacitação ecológica’, o que já é um grande passo na luta pela conscientização e preservação do meio ambiente.

### **Referencias Bibliográfica**

BATE, J. *Romantic Ecology: Wordsworth and the Environmental*. Londres: Routledge, 1991.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*.

CATHER, Willa. *Minha Antonia*. Tradução de Maria Luiza de A. Borges. São Paulo: Códex, 2003.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GIFFORD, Terry. *Pastoral*. Londres: Routledge, 1999.

JUNG, Carl G. *Arquétipos do inconsciente coletivo*.

PAIM, A. *A sombra do patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

STALLKNECHT, N.P.; FRENZ, H. *Comparative Literature: method and Perspective*. London: London University Press, 1961.